

23

LETRAS

2006



Filosofia e Literatura na obra de Eduardo Lourenço – paradigmas teóricos e posicionamento hermenêutico¹

María Manuel Baptista

Universidade de Aveiro

mbaptista@dlc.ua.pt.

Resumo

A obra de Eduardo Lourenço encontra-se na confluência da literatura e da filosofia, num espaço que pode latamente ser designado por ensaísmo cultural. O presente texto aborda alguns veios desta relação simbiótica, analisando a forma como articula Eduardo Lourenço os legados culturais de Fernando Pessoa, Pascoaes e Pe. António Vieira, com as temáticas (pós-modernas, de resto) da identidade e da mitologia cultural portuguesa.

Através da utilização que faz da noção de imaginário, e mais especificamente ao imaginário nacional, procuraremos detectar o modo como a obra lourenceana convoca o interesse, as energias, a paixão e o fulgor dos portugueses em torno de uma memória colectiva que pode permitir reapropriar-nos de nós mesmos.

Palavras chave: Filosofia, Literatura, Cultura Portuguesa, Ensaio

Abstract

Eduardo Lourenço's essays are in the confluence of literature and philosophy, in a field that may be said as "cultural essayism". The present text aims to clarify the relationships between these two fields and also to understand how Eduardo Lourenço articulates the cultural legacy of Fernando Pessoa, Pascoaes and Pe. António Vieira with the more recent post-modern views on Portuguese identity and cultural mythology.

Using the concept of imagination, particularly national imagination, this text focus on the strategies used in Lourenço's essays to evoke the Portuguese collective memory, in order to liberate the energy, passion and soul that allows us to take again in our hands our own collective destiny.

Key words: Philosophy, Literature, Portuguese Culture, Essay

*On connaît sans doute beaucoup de choses
sur les rapports de la philosophie et la poésie.
Mais nous ne savons rien du dialogue
entre poète et penseur qui "habitent proches
sur les monts les plus séparés".*

Heidegger, 1938

1 Comunicação apresentada ao X Encontro de Professores de Português – Homenagem a Eduardo Lourenço, Porto, Casa Diocesana de Vilar, 14 e 15 de Abril de 2005.

Fora dos círculos académicos Eduardo Lourenço ou é desconhecido (em Portugal lê-se muito pouco e o pouco que se lê é ficção e não ensaio) ou é admirado e reverenciado pelo reduzido número que se interessa pelas temáticas da cultura. Mas, infelizmente, trata-se de uma leitura frequentemente apressada e superficial. Quem compra os seus livros acha graça sobretudo à temática (Portugal é sempre uma temática interessantíssima para os portugueses!) e gosta muito dos títulos que, normalmente são apelativos, provocantes e oníricos. Mas o problema é a dificuldade em ler os textos lourenceanos. A sua escrita algo “barroca” e as referências teóricas, implícitas e explícitas, para que remete, desmotivam o comum leitor a prosseguir e, na maior parte das vezes, o livro vai para a estante sem ser lido. Conheço também quem seja mais persistente e leve a leitura até ao fim, mas o resultado é, normalmente, pouco se compreender do que lá se diz (mesmo indivíduos com formação académica e com interesse pela temática). O problema é que ler Eduardo Lourenço exige esforço, tempo e disponibilidade. Não se lê depressa como um conto ou levemente como romance pós-moderno. Não é um ensaísmo “light” ou de “fácil digestão”. Por isso Eduardo Lourenço não está muito de acordo com o espírito do tempo.

Talvez as coisas mudem quando haja uma “grelha de leitura” para a obra de Eduardo Lourenço. Refiro-me a estudos críticos e a um grupo de investigadores que lhe vão desbravando a obra tornando-a mais “acessível” ao público, ou pelo menos, encontrando-lhe algumas chaves de compreensão.

Proponho-me, nesta breve reflexão, apresentar algumas dessas “chaves” ou “caminhos de reflexão”, percorrendo as áreas culturais que são afins do pensamento lourenceano, privilegiando neste contexto as relações da sua produção ensaística com a literatura, a sociologia, a história, a filosofia e a cultura em geral (mais especificamente as questões da identidade e mitologia nacionais).

1. As perspectivas sociológica e histórica na obra de Eduardo Lourenço

Eduardo Lourenço não é um cientista social. Isto, desde logo, porque ele não produz um tipo de conhecimento que utilize a metodologia de uma qualquer área das ciências humanas, tal como são tradicionalmente consideradas. Ao contrário do que possa por vezes parece ele não produz sociologia, nem psicologia, nem história, no sentido clássico (estou a ouvi-lo dizer “Era o que mais faltava...”). Primeiro, porque o seu objecto de análise (embora se cruze com estes) não se encontra definido nem delimitado, e muito menos operacionalizado. Afinal o que é o “ser português”? Encontra-se onde? nos jornais? nos compêndios de história? na literatura? na produção cinematográfica? nos discursos políticos?

Na verdade, se a sua obra fosse de índole sociológica teria de definir o seu objecto de estudo nesses termos, deixando bem claro que *para mim, os portugueses são o... “conjunto de práticas sociais instituídas”... ou... “o conjunto de comportamentos colectivos observáveis”... ou... “outra coisa qualquer”...* Teria ainda de definir a metodologia a utilizar, quer fosse de índole qualitativa ou quantitativa. Ora quantitativa é óbvio que não é: não há na sua obra nem inquéritos, nem sondagens, nem levantamentos. E nem mesmo se trata de uma sociologia “qualitativa” ou compreensiva. Logo, não se trata de Sociologia (nem mesmo de uma sociologia teórica ou reflexiva). Sublinhemos que aquilo que, por exemplo, um sociólogo como Boaventura Sousa Santos faz é bem diverso: primeiro, parte de uma abordagem empírica (trabalho de campo, levantamento quantitativo e qualitativo do real) e depois trabalha sobre esses dados,

reflectindo sobre eles de forma muitas vezes teórica e, aparentemente, sem apoio no real. Mas, na verdade, há sempre um apoio concreto que subjaz ao seu discurso, no estudo da realidade social abordada cientificamente. Por outro lado, Boaventura Sousa Santos produz reflexões no âmbito da epistemologia da sociologia, quer dizer, procura reflectir de que modo podem ser “melhorados e afinados” os instrumentos metodológicos de que se serve o conhecimento sociológico. É claro que este sociólogo também já foge ao tradicional conceito da Sociologia, pois não se limita a trabalhar os dados que recolhe na realidade, tratando-os estatisticamente e apresentando conclusões. Ele produz, para além disso, reflexões eminentemente teóricas e críticas que quase chegam ao domínio da filosofia (pelo menos pertencem claramente ao domínio da epistemologia da sociologia).

Ora, em Lourenço não encontramos nada disto. Na sua obra trata-se em primeiro lugar, de uma abordagem filosófica, cuja metodologia está mais perto da criação literária do que da sociologia. Por exemplo, se um escritor se decidir a abordar, ficcionalmente, a temática do “ser português” (como já tantos e tantos o fizeram), não faz sentido que lhe exijamos que faça previamente um inquérito ou levantamento sociológico. Na verdade, ele irá trabalhar sobre as suas vivências, impressões e conhecimentos pessoais acerca do tema, retrabalhados pelo seu imaginário e sensibilidade poética. O resultado será melhor ou pior quanto tudo isto de que se serve for mais ou menos rico, mais ou menos adequado, mais ou menos bem trabalhado e aprofundado pela sua razão e imaginação. Não faria sentido pedirmos a esse indivíduo que fosse “rigoroso”, “objectivo”, “científico”. Por outro lado, também não podemos vê-lo senão como um ponto de vista sobre a realidade, que é apenas uma proposta de leitura do mundo... que cada um aceita ou não! Ora, se este não é o caso em Sociologia, é-o na Literatura.

Deste ponto de vista, a diferença entre Eduardo Lourenço e um escritor é muito pequena. Na verdade, nele a pura ficção está praticamente ausente, mas de resto está lá tudo: as suas impressões, as suas vivências, o seu espírito crítico, a sua capacidade de simbolização e de metáforização do real, constituem estratégias que lhe permitem tratar um tema (frequentemente, Portugal e o ser português) submetendo tudo isto às forças poderosas da imaginação e da razão. Normalmente, a partir da literatura, este género de obras são classificadas como “ensaísticas”. Do ponto de vista filosófico, são o início de um novo género de filosofia, que corresponde às grandes questões do século XX, e até às *démarches* típicas da filosofia pós-moderna. Do ângulo de uma “história clássica e positivista” ou de uma “sociologia enquanto ciência empírica” a obra de Eduardo Lourenço é vista como tendo “falta de rigor científico”. Ora, o que me parece é que há aqui uma grande confusão, pois não passa pela cabeça de ninguém dizer que Camões é um “péssimo historiador”, porque não é rigoroso em datas ou acontecimentos, porque inventa mitos, etc... Na verdade, Camões nunca quis ser historiador, nem era historiador. Procurou apenas na sua obra maior, *Os Lusíadas*, colocar o seu ponto de vista (que era valioso e importante, porque rico, complexo e denso) sobre os Descobrimentos Portugueses e a gesta humana que os levou a cabo. E é a esse nível que Eduardo Lourenço tem de ser analisado, ou seja, a partir do ponto de vista que é o seu: partiu de uma realidade nacional que (re)elaborou ficcionalmente, poeticamente, com espírito crítico e uma visão própria da História.

Em Eduardo Lourenço, também não há nunca a pretensão do historiador enquanto cientista, porque a história de que ele fala não é a “história dos cientistas historiadores”, mas é sempre a questão do Tempo (da passagem do tempo, da precariedade trágica da vida) que está em jogo.

Por isso, parece-me que só a análise fenomenológica (sobretudo na perspectiva existencial de Heidegger, mas de outros mais) permite compreender de que fala Eduardo Lourenço quando nos fala de História (quer seja nacional ou europeia), a qual se encontra profundamente imbricada com uma tentativa de *remitologização voluntária* da História (à maneira de Barthes), sobretudo da portuguesa e da europeia, no sentido de dinamizar vontades e emoções para um projecto que aí está por fazer: Portugal e a Europa.

Para além disso, as pistas de Ricoeur (especificamente em *Temps et Recit*) são valiosíssimas para compreender Eduardo Lourenço, pois que é exactamente desse género de tempo/história/memória que nos fala. De resto, como já diversos investigadores assinalaram, há proximidades espantosas entre Ricoeur e Lourenço (embora também haja grandes diferenças).

2. Eduardo Lourenço, entre a Literatura e a Filosofia

Quanto ao domínio literário, o trabalho de Eduardo Lourenço é muito mais denso e complexo. Desde logo, é curioso verificar o modo como Eduardo Lourenço lançou mão da psicanálise (não sendo ele psicanalista encartado, como já por diversas vezes confessou) para a tratar como uma metáfora literária, de modo a que esta, submetida a uma estratégia que não anda longe da proposta por Ricoeur em *A Metáfora Viva*, pudesse exaurir o sentido profundo dos grandes mitos nacionais. Embora o sucesso desta metáfora tenha sido enorme, como o atestam as sucessivas edições de *Psicanálise Mítica do Destino Português* desde 1978, ele não mais voltou a utilizar desde então esse paradigma epistemológico, tecnicamente denso e analiticamente complexo, para abordar uma qualquer outra realidade ou fenómeno cultural.

Na verdade, se a metodologia de Eduardo Lourenço não é predominantemente ficcional, mas sobretudo racional, no sentido filosófico, (embora de uma razão muitíssimo poética), ela resulta numa abordagem reflexiva e qualitativa da realidade, apoiada na literatura e procurando dirigir-se para a realidade política, social e cultural concreta.

E, no entanto, também a estratégia lourenceana não é a típica da maioria das filosofias, as quais tradicionalmente costumam trabalhar com conceitos muito mais abstractos e de forma muito mais sistemática. Sobretudo uma filosofia clássica, espartilhada nos cânones escolásticos de produção classificatória e do esgotamento analítico do real, não se reconheceria na obra de Eduardo Lourenço.

Mas é, em nossa opinião, no cruzamento entre Filosofia e Literatura que temos de procurar ler e compreender Eduardo Lourenço, desde logo, para não o "mitificar", não devendo perder de vista que o que nos diz é apenas uma das formas possíveis de compreender a nossa realidade cultural, perspectiva que deve ser acolhida e estudada a par de algumas outras que também têm sido elaboradas sobre esse objecto de desvelo que é para nós portugueses, Portugal. Em segundo lugar, a compreensão desta obra neste duplo, híbrido e fragmentado campo epistemológico (entre a literatura e a filosofia) pode ainda servir-nos para estabelecer limites à sua reflexão: há algumas realidades que a obra de Eduardo Lourenço pode explicar, mas outras há que deixa em branco e a por explicar. Aí, nesse seu difícil e instável hibridismo epistemológico, que é mais do que dupla pertença, residirão porventura a qualidade e o valor da obra de Eduardo Lourenço, cujo resultado reflexivo é particularmente interessante no que à questão da identidade nacional diz respeito, temática que ao longo de mais de seis décadas de intenso labor cultural foi por si quase obsessivamente tratada.

2.1. O Conceito de Cultura em Eduardo Lourenço

Muito do meu trabalho dos últimos anos, aventura sem fundo em torno desta obra maravilhosa, tem ido no sentido de provar que não é pretensão de Eduardo Lourenço ser um Psicólogo Social ou Sociólogo. O que ele faz, na minha opinião, é algo que nos anos 30/40 do século XX estava muito em voga (com Jaspers, Ortega y Gasset, Husserl, Unamuno, Álvaro Ribeiro, etc) e que se pode designar por Filosofia da Cultura. Trata-se da recuperação desta área de reflexão, tão profundamente Ibérica, em termos novos e inovadores, mas claramente inserido na filosofia.

Não é de estranhar que Eduardo Lourenço aborde a temática da Cultura, não no âmbito dos anglófonos “Cultural Studies”, nem tão pouco partindo da “História das Ideias e das Mentalidades”. O que Eduardo Lourenço faz de ponta a ponta da sua obra é aplicar à realidade cultural (seja à literatura, seja à política ou à pintura) um determinado método filosófico, que muito cedo estudou e interiorizou: a fenomenologia.

De qualquer forma, não tem o trabalho de Lourenço um objecto de estudo claramente identificado e operacionalizável, nem uma metodologia que permita qualquer género de controlo ou verificação pela comunidade científica. Logo, não pode ser um discurso científico, mas trata-se de um discurso eminentemente filosófico. Mas como a filosofia de onde ele parte, a fenomenologia husserleana e já pós-husserleana, tem um interesse incontornável e decisivo pela linguagem em geral e pela literatura em particular, Lourenço irá aplicar-se e implicar-se particularmente nessa área.

2.2. Mitologia e Identidade Nacional

É nossa convicção de que entre as muitas leituras sobre Portugal que têm sido produzidas nas últimas décadas, a de Lourenço é uma das mais ricas, criativas, complexas e desafiantes.

No entanto, é verdade que nos seus ensaios ele corre realmente o risco de “mitologizar” a realidade nacional. A nós parece-nos que é isso mesmo que ele pretende, embora atribua ao conceito de “mito” uma acepção muito diferente daquela que o discurso científico vulgarmente lhe confere.

Eduardo Lourenço é um “mitólogo”, o que já foi por diversas vezes referido. Sublinhe-se porém que uma tal afirmação só constitui desprimor a partir de um ponto de vista estritamente científico, que não literário ou filosófico. No mesmo sentido poderíamos dizer que Camões, o Pe. António Vieira, Pessoa, Oliveira Martins entre tantos outros, foram mitólogos, o que não comporta desvalorização alguma. O que há a fazer é avaliar do conteúdo de tais mitologias e determinar se são positivas, e não alienantes, e se projectam mais sentido na realidade, ou se são pura dialéctica, ideologia e domínio do homem sobre o homem.

No que respeita à questão da identidade nacional, há que considerar, em primeiro lugar, que não há uma “mitologia nacional” mas muitos mitos a circular, sobre os mais diversos aspectos, com conteúdo diverso e servindo os propósitos mais díspares. Por outro lado, os mitos só podem ser avaliados, não quantitativamente, mas pelo seu aspecto qualitativo e compreensivo. Por exemplo, o discurso mítico que diz sensivelmente isto: “Nós portugueses, somos uma nação impar, sem igual, na Europa, porque demos mundos ao mundo” (imagem que radica nos Descobrimientos Portugueses) pode ter, no mínimo, duas leituras:

1. Nós, portugueses, somos verdadeiramente a “cabeça da Europa”, embora os outros não dêem conta da nossa importância (isto é um mito descabelado e, do ponto de vista da sua

eficácia prática, paralisa uma nação e deprime-a, porque depois ter-se-á que concluir que "ninguém nos dá a importância que merecemos");

2. Nós, portugueses, demos alguma coisa de importante ao mundo no passado e podemos recuperar, pelo menos de um ponto de vista cultural, essa utopia de "descobrir novos mundos ao mundo" (como, por exemplo, o próprio Pessoa preconiza) sabendo que todos os povos, cada um à sua maneira, também podem ser capazes de "dar os seus mundos ao mundo".

Assim, dependendo do conteúdo de cada mito, ele pode ser valioso, apontar para um futuro para onde valha a pena dirigirmo-nos ou, pelo contrário, paralisante e pouco produtivo, mantendo-nos num certo estado crónico de "melancolia nacional"... Quer dizer, ao contrário da abordagem estruturalista aos mitos (que é também em grande parte a da Sociologia) a quem apenas importa a função deste género de discurso, (quer dizer, desprezando o conteúdo que tem e o valor que encerra), a abordagem de Lourenço (e não só de Lourenço, pois ele segue neste ponto Adorno, Horkheimer, Barthes, Morin, Ricoeur, entre outros) tem em conta a importantíssima função cultural dos mitos no imaginário social, analisando muito particularmente o seu conteúdo para lhes determinar o valor.

É claro que o "valor" seja do que for é, na nossa actual cultura pós-moderna muito difícil de determinar, tarefa apenas exequível através de uma prévia reflexão crítica no domínio da ética e da utopia possível. Quer dizer, um povo só pode determinar se um mito nacional é "valioso" ou "não valioso" se tiver respondido, nem que seja mínima e provisoriamente, à questão fundamental de saber quem é e para onde se dirige.

Na verdade, um país que tem uma elite política e intelectual viva e actuante deve colocar a nação a reflectir sobre esta questão, quer dizer, a reflectir sobre quem e em que país quer tornar-se, a partir do passado que lhe coube. Deve toda a nação determinar-se nessa escolha, partindo de uma ideia de si que seja fecunda, que aponte para o futuro e não seja paralisante ou meramente corrosiva.²

- 2 Um exemplo claro e recente de um país que fez um processo deste género (não sem problemas e dificuldades, contradições e muitos aspectos negativos) foi a Irlanda, que também era até há pouco tempo um país atrasado, de tradição conservadora e católica, de identidade ameaçada e que fez um esforço enorme de reconstruir uma imagem de si (que não é rigorosa nem científica, como o não podem ser nunca as mitologias gerais e colectivas) e tem vindo a produzir uma nova mitologia nacional, apoiada no seu passado, mas projectada para um futuro. Ora o valor desta mitologia passou por se dizer que "os irlandeses são um povo criativo, imaginativo e artístico, capazes de apanhar o futuro". E de facto, em poucos anos, a Irlanda é "outra Irlanda" (embora o seu fundo histórico esteja lá e seja, também em certo sentido, "a mesma Irlanda").

É claro que se pode ainda perguntar: Mas quem determinou uma tal mudança na mitologia dos Irlandeses? Sem dúvida que foram os próprios irlandeses (dos políticos aos poetas, dos historiadores aos cientistas, dos media à igreja católica, etc. etc...) Pode-se mesmo ir mais longe perguntando: Mas quem podia saber à partida que essa mitologia poderia funcionar tão bem? Ninguém! A mitologia é sempre um risco, até porque em cada momento pode sempre tornar-se no domínio do homem sobre o homem.

Ou seja, quando Lourenço fala de mitos, temos de passar pelo paradigma naturalista e sociológico num primeiro momento, mas devemos ir mais longe, até a uma ética filosófica e uma axiologia cultural que coloca a questão (difícil sem dúvida) do valor.

Retomando a questão inicial, há que indagar então do valor que têm os mitos nacionais vigentes³, e, antes de mais, o que entendemos por “mitos nacionais”.

Na verdade, o conceito é vago e não pode ter uma definição “operacional” à maneira da sociologia. Para Lourenço, trata-se das auto-representações de um povo que, de forma recorrente, surgem ao longo da História e são culturalmente veiculadas no âmbito da cultura, da popular à erudita. Normalmente devem incluir também os “contra-mitos”, ou seja imagens e auto-representações que são opostas às mitologias mais gerais e vigentes numa dada época. É claro que, dependendo do nível da análise, podemos encontrar poucos ou muitos mitos (por exemplo, os mitos nacionais podem ser reduzidos a duas ou três grandes ideias, mas cada uma delas pode ser decomposta em outras tantas formas de mitos).

Não é um conceito fácil de definir: é uma realidade extremamente potente e resistente ao longo do tempo, embora exija reformulações constantes por parte dos estudiosos, especialmente num tempo de aceleração histórica prodigiosa como é o nosso (por exemplo, os mitos dos portugueses de há vinte anos já não são os mesmos do tempo presente).

A tradicional distinção entre mitos de conteúdo metafísico (Ourique), mitos que resultam da ideologização da história (a Decadência) e mitos “vulgares” (os portugueses são quixotescos) é hoje pouco operacional, pois o problema não está na origem dos mitos (se provém da metafísica ou da ideologização ou da “cultura popular”, questão em última análise irresolúvel), mas na forma como nos apropriamos deles e o que deles fazemos, da literatura à pintura, da política à ciência.

Quanto à obra de Lourenço em particular, ela tem isto de equívoco e complexo: nalguns textos, toma a noção de mito dentro da tradição marxista e neo-marxista – ou seja, o mito é pura alienação, mentira e ideologia (sobretudo nos textos mais antigos)-, já noutros mais recentes, a noção de mito é entendida como prospectiva e com capacidade para reunir um povo em torno de uma ideia de si, um povo com passado, mas sobretudo com futuro. Esse é o caso das suas obras mais recentes, em especial *Portugal Como Destino* onde re-actualiza, como ele próprio afirma, a *Psicanálise Mítica do Destino Português*. Para levar a cabo uma tal tarefa têm sido indispensáveis para Eduardo Lourenço a obra dos nossos maiores homens da literatura, de entre os quais os da sua maior predilecção, Camões, Antero e o seu eterno e incontornável Pessoa.

Conclusão

A nosso ver, o equívoco relativo à situação epistemológica da obra lourenceana radica precisamente no facto de o ensaísta não precisar com clareza os fundamentos hermenêutico-filosóficos de que parte, mas limitando-se quase só a pô-los em marcha nas suas reflexões, como se apenas a contra-prova do imaginário português, literário e poético em primeiro lugar, lhe interessasse

3 Por exemplo, os que o salazarismo veiculava tendiam a dominar a nação e a asfixiá-la; já os poucos que circularam após o 25 de Abril pareciam poder abrir Portugal para um novo caminho.

para forjar e validar os instrumentos conceptuais com que trabalha. Não se trata de idealismo ou invenção fantasmagórica a confrontar com um “real” (um *em si*) que não existe, ou a existir não se saberia o que poderia ser. Na verdade, os instrumentos filosóficos e “imaginários” que Lourenço utiliza não são meras idealizações, mas possuem um carácter poético, prospectivo, futurante e, por isso, são dotados de verdadeira consistência ontológica.

O equívoco, ou mesmo o paradoxo (em nossa opinião, aparente) que a inscrição filosófico-literária da obra lourençana pode criar, é facilmente resolvido se recorrermos à hermenêutica ricoeuriana que taxativamente defende o princípio de que “é preciso desmistificar mas não des-mitologizar”⁴. Neste contexto poder-se-ia dizer que o crucial momento de legitimação gnoseológica do labor teórico-poético de Eduardo Lourenço reside na central intuição, já pessoana antes de ricoeuriana, de que, verdadeiramente o mito “é o tudo que é nada”; ou como, noutro contexto o próprio sublinha, trata-se de uma estratégia que a “(...) imaginação, como sonho acordado do mundo, fabrica para subtrair o que chamamos vida, a nossa vida, à sua vocação mortal”⁵.

Bibliografia

BAPTISTA, Maria Manuel (org.), *Uma Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço – Dos Críticos* – Maia, Ver o Verso ed., 2004

_____, “Portugal como Destino ou do Tempo Português”, *Uma Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço – Dos Críticos*, Maria Manuel Baptista (org.), Maia, Ver o Verso ed., 2004: 207-221

_____, “Interrogações do Futuro” (2004/5), *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 878, 2004, 26 de Maio: 21

_____, *Eduardo Lourenço: A Paixão de Compreender*, Porto, ASA, 2003

CRUZEIRO, Manuela, *Eduardo Lourenço – O Regresso do Corifeu*, Lisboa, Ed. Notícias, 1997

CRUZEIRO, Maria Manuela e BAPTISTA, Maria Manuel, *Fotobiografia de Eduardo Lourenço*. Lisboa: Universidade Aberta e RTP, 2003

CRUZEIRO, Maria Manuela e BAPTISTA, Maria Manuel, “A Metáfora da Viagem” (2003/5), *J.L. - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 851, 2003, 14 de Maio: 26-27

HEGEL, *La Phénoménologie de l'Esprit*, (Trad. Jean Hyppolite), Paris, Aubier, Ed. Montaigne, s/d

HEIDEGGER, Martin, “Qu'est-ce que la métaphysique?” (1937), *Questions I*, Paris, Gallimard, 1969: 21-84

4 RICOEUR, Paul, *Ideologia e Utopia*, Lisboa, Edições 70, 1991

5 LOURENÇO, Eduardo, “Do Não Lugar” (1993/11/2), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994: 12

- _____. *Carta Sobre o Humanismo*, (Trad. Pinharanda Gomes e Arnaldo Steiner), Lisboa, Guimarães Editores, 1980, 2ª ed.
- _____. *Être et Temps*, (Trad. Vézin), Paris, Gallimard, 1986
- _____. *A Origem da Obra de Arte*, (Trad. Maria da Conceição Costa), Lisboa, Edições 70, 1992
- HUSSERL, Edmund, *A Filosofia Como Ciência de Rigor*, (Trad. Albin Beau), Coimbra, Atlântida, 1965, 2ª ed.
- _____. "La Crise de L'Humanité Européenne et la Philosophie" (1935), *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendantale*, J-P Sartre e P. Verstraeten, Paris, Ed. Gallimard, 1976, 3ª ed.: 347-383
- LACAN, Jacques, *Écrits I*, Paris, Éd. du Seuil, 1966
- _____. *Écrits II*, Paris, Éd. du Seuil, 1971
- LOURENÇO, Eduardo, "Da Literatura Como Interpretação de Portugal (de Garrett a Fernando Pessoa)" (1975/2), *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Pub. D. Quixote, 1978: 85-126
- _____. "Psicanálise Mítica do Destino Português" (1977/78), *Raiz e Utopia*, 1978, Outono: 2-14
- _____. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, D. Quixote, 1978
- _____. "Metamorfose da Ficção Portuguesa – Temporalidade e Romance" (1988), *Vértice*, 2ª série, nº 20, 1989, Novembro: 73-80
- _____. *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994
- _____. "Ficção e Realidade da Crítica Literária" (1957/4/6), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994: 15-23
- _____. "Do Não Lugar" (1993/11/2), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994: 9-12
- _____. "As Descobertas como Mito e o Mito das Descobertas" (1995/11/23), *Colóquio "Literatura dos Descobrimientos" – Comunicações ao colóquio realizado em 22 e 23 de Novembro de 1995 na Universidade Autónoma de Lisboa*, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa e Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997: 139-144
- _____. *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999

_____, "Literatura e Vida" (1981/4/14), *J.L. – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 766, 2000, 9 de Fevereiro: 7-8

_____, "A Invenção da Filosofia como Praxis Cultural" (2001), *Século XX, Panorama da Cultura Portuguesa, I – As Ciências e as Problemáticas Sociais*, AAVV, Porto, Afrontamento, Porto 2001, Fund. Serralves, 2002: 11-23

MERLEAU-PONTY, M., *Elogio da Filosofia*, (Trad. António Braz Teixeira), Lisboa, Guimarães Editores, 1998

PORTOCARRERO, Luísa, "Da "Fusão de Horizontes" ao "Conflito das Interpretações": A Hermenêutica entre H.-G. Gadamer e Paul Ricoeur" (1992), *Revista Filosófica de Coimbra*, 1, nº 1, 1992, Março: 127-153

REIS, José Eduardo, "Literatura e Filosofia: Um Exemplo Simbólico", *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas*, Isménia de Sousa Margarida L.Losa, Gonçalo Vilas-Boas (orgs.), Porto, Associação portuguesa de Literatura Comparada, 1996: 457-463

RICOEUR, Paul, *Ideologia e Utopia*, Lisboa, Edições 70, 1991

_____, *De l'Interprétation. Essais sur Freud*, Paris, Ed. du Seuil, 1995

_____, "Kierkegaard et le Mal" (1963), *Lectures 2 – La Contrée des Philosophes*, Paris, Ed. du Seuil, 1999: 15-28

_____, *O Conflito das Interpretações*, (Trad. M.F. Sá Correia), Porto, Rés, s/d

_____, *A Metáfora Viva*, Porto, Rés, s/d

TAPIAS, J. A. Pérez, *Filosofía y Crítica de la Cultura*, Madrid, Ed. Trotta, 1995

VÉDRINE, Hélène, *Les Grandes Conceptions de L'Imaginaire – De Platon a Sartre et Lacan*, Paris, Librairie Générale Française, 1990

WUNENBURGER, Jean-Jacques, "Les Pères Fondateurs de la Notion d'Imaginaire – Gaston Bachelard", *Introduction Aux Méthodologies de L'Imaginaire*, Joel Thomas, Paris, Ellipses, 1998: 11-120